

A NARRATIVA *DRAG QUEEN*: DA PERFORMANCE AO SUJEITO

ASCANIO, Larissa¹
DINALO, Gabriela Vitória²
ZASSO, Izabele³

Lá no fundo não sabemos de si, do outro nem em parte.
O mais próximo a que chegamos do todo, é a arte
(GUTFREIND, 2019, p. X).

RESUMO

A presente pesquisa visou atender a proposta de Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia, sendo que sua temática foi a arte *Drag Queen* e suas possíveis significações para as pessoas que a performa, no caso, duas *Drag Queens* residentes na região Oeste do Paraná. O objetivo foi investigar as possíveis significações da arte *Drag Queen*, por meio da Análise de Discurso, tendo como suporte teórico a Psicanálise. Este artigo foi pautado em uma pesquisa básica, de caráter qualitativo. Quanto aos objetivos, este estudo teve cunho explicativo e, no que se refere aos procedimentos técnicos, a pesquisa configura um estudo de campo. Para realização desta, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada, levando em conta conceitos psicanalíticos relacionados ao tema, como sexualidade, sublimação, fantasia, identificação e a relação com o corpo. Os resultados dessa pesquisa, além de serem uma aproximação dos conceitos psicanalíticos já ditos, não tomam como direção uma ideia de universalização da produção discursiva da arte *Drag Queen*. O que pode ser dito é que a sublimação é uma forma de expressão da sexualidade. A pesquisa, por fim, mostrou que cada um dos sujeitos constitui-se de seu próprio modo, com as possibilidades e dificuldades que a vida lhes impôs, narrando e sendo narrado pelas particularidades de cada encontro.

Palavras-chave: *Drag Queen*; Psicanálise; Sexualidade; Arte; Sublimação.

¹ Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. E-mail: larissa_ascanio1@hotmail.com

² Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. E-mail: gabi_dinalo@hotmail.com

³ Psicóloga, orientadora graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: izabele@fag.edu.br

A NARRATIVA *DRAG QUEEN*: DA PERFORMANCE AO SUJEITO

ASCANIO, Larissa⁴
DINALO, Gabriela Vitória⁵
ZASSO, Izabele⁶

ABSTRACT

The following research aimed to fulfill the proposal of the Psychology's Course Conclusion Paper, reckoning that the theme was the Drag Queen art and its possible significations to the people who perform it, in this case, two Drag Queens who reside in the western Paraná region. The objective was to investigate the possible significations of the Drag Queen art, through Speech Analysis, with the theoretical support of Psychoanalysis. This article was founded on a basic research, with qualitative character. When it comes to the objectives, the present study had an explicative nature, being a field study. To the realization of this research, a script was elaborated to a semi-structured interview, considering the psychoanalytic concepts related to the theme, such as sexuality, sublimation, fantasy, identification, and relation with the body. The results of this research, besides being an approximation of psychoanalytic concepts previously mentioned, don't take as direction an universalisation idea of discursive production related to the Drag Queen art. What can be said is that sublimation is a way of expressing sexuality. The study, ultimately, showed that each of the subjects constitutes itself on its own way, with the possibilities and difficulties that life imposes, narrating and being narrated by the particularities of each encounter.

Key words: Drag Queen, Psychoanalysis, Sexuality, Art, Sublimation

⁴ Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. E-mail: larissa_ascanio1@hotmail.com

⁵ Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. E-mail: gabi_dinalo@hotmail.com

⁶ Psicóloga, orientadora graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: izabele@fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A cultura *Drag Queen* vem sendo alvo de interesse social nos últimos anos. Mas o que são as *Drags*? Essa arte é caracterizada pela “personificação feminina”, feita prioritariamente por homens, porém, artisticamente, independe de gênero, orientação sexual e qualquer outra característica que a limite. Apesar da visibilidade atual, ainda é uma forma de expressão encarada com muito preconceito, equívoco e estereótipos.

Até então, os estudos sobre essa temática são escassos na área da Psicologia e Psicanálise, entende-se, portanto, a importância de explorar e aprofundar a temática a fim de contribuir com a ciência e propiciar um olhar mais humanizado. Desta maneira, o artigo procurou investigar as possíveis significações da arte *Drag Queen* para as pessoas que a performa, tendo como suporte teórico a Psicanálise.

Nesse viés, por meio dos objetivos específicos do trabalho, buscou-se compreender como se manifesta a sexualidade dos sujeitos da pesquisa, o processo de sublimação nesta manifestação de arte, a relação que o sujeito tem com o próprio corpo e compreender a articulação dessa arte com a fantasia do sujeito, a partir dos dados submetidos à Análise de Discurso.

A sexualidade é um fator extremamente humano, portanto, discutido desde o início da história. Para tanto, vários teóricos trouxeram essa pauta em voga, até ser considerada socialmente, sem dúvida, um tabu. É nesse sentido que tal assunto vem se modificando durante os anos, podendo então a mesma ser ligada a diversos fatores que até os dias de hoje são estudados. Freud (2013), inclusive, pontuou que no quesito sexual as pessoas não são francas, não mostram com liberdade sua sexualidade e “não deixam de estar certas, o sol e o ar não são realmente propícios à atividade sexual em nosso mundo civilizado [...]” (FREUD, 2013, p. 265).

Ele, ainda, caracterizou três achados muito importantes sobre a sexualidade (FREUD, 2019): 1- A vida sexual não começa na adolescência, mas inicia-se logo após o nascimento, com nítidas evidências disso; 2- Os conceitos de sexual e de genital são completamente diferentes, sendo que sexual é mais amplo e contempla várias atividades que nada têm a ver com a parte genital; 3- A vida sexual abraça a função da obtenção do prazer das zonas do corpo colocadas, posteriormente, à serviço da reprodução. Todavia, Freud (2019) ainda menciona que ambas não chegam a harmonizar-se totalmente. Ora, se a sexualidade não é fruto da puberdade, não divide o conceito de genital ou sequer serve apenas para a reprodução, então o que é ela?

A sexualidade, para a psicanálise, é atravessada por uma série de conceitos. Um conceito complexo e fundamental é o da pulsão. Para Freud (2013), a pulsão é algo que não vem do mundo exterior, mas do interior: é um conceito limítrofe, entre o psíquico e o somático. Ela atua, também, como uma força constante, apesar de ser uma força momentânea de impacto, ou seja, ela não vem de fora, mas sim de dentro do corpo. Contra ela não existe fuga (FREUD, 2013).

Por fim, é possível pontuar a classificação geral descrita por Freud sobre as pulsões (2013): elas são muitas e resultam de várias fontes orgânicas; atuam, a princípio, umas independentes das outras e só depois são mais ou menos reunidas. Para tanto, os destinos que as pulsões podem experimentar são quatro: a reversão em seu contrário, o retorno em direção à própria pessoa, o recalque e a sublimação.

Para que a pulsão sucumba ao recalque, a condição solicitada é de que a obtenção da meta da pulsão cause inquietação da seguinte forma: a satisfação da pulsão sujeitada ao recalque seria possível, além de ser prazerosa por si só, mas o que acontece é que se torna insustentável a conciliação com outros interesses, por isso, prazer de um lado e desprazer do outro. (FREUD, 2010). Logo, isso se torna pauta para que o recalque entre em vigor, já que o desprazer se tornou mais forte do que a satisfação (FREUD, 2010).

É nesse sentido que Freud (2010) aponta a existência de forças, diante do recalque, denominadas como resistências, as quais têm como finalidade evitar que conteúdos retornem à consciência. Essa dinâmica desperta um grande desprazer, desse modo, a resistência atua como protetora da personalidade psíquica.

Já a sublimação, para a psicanálise, é um processo em que existe um desvio das pulsões sexuais das metas, para outras novas, que são dirigidas para diferentes fins, sendo que a sublimação é um ponto forte para as realizações culturais (FREUD, 2016). Nesse sentido, ela substitui o objeto e o objetivo sexual da pulsão por uma ordem não sexual de objeto e objetivo, sendo direcionada às artes, às ciências ou até mesmo aos esportes. A pulsão, como já colocada aqui, não consegue tomar a via de satisfação total (apesar de ser a intenção, a satisfação é sempre parcial), porque o Eu, temeroso de ser aniquilado, surge com a sublimação como elaboração de defesa (NASIO, 1997).

Alguns autores mencionam que a sublimação encontra-se na vizinhança do recalque e da norma social, sendo mais próxima à defesa, do que à própria busca de satisfação (TOREZAN e BRITO, 2012). No entanto, eles ressaltam que este processo sublimatório não se resulta ao que pode vir a ser sintomático, conforme ocorre com o

recalque, mas que se vincula diante de questões culturais, em que a sublimação se caracteriza como uma troca entre um fim sexual por um fim social, de caráter ideal, em que questões morais recaem sobre o desejo (CRUXÊN, 2004).

A Arte e a Psicologia, por sua vez, não são recém-conhecidas uma da outra, muito pelo contrário. Antes mesmo da Psicologia se iniciar enquanto disciplina científica, a Estética foi quem abriu caminho para a ciência psicológica nesse campo (FRAYZE-PEREIRA, 2010). Contudo, Freud (2019) fala da Estética enquanto a doutrina das qualidades do sentir, no sentido amplo, em que não contempla apenas o corpo, mas também os afetos. Ou seja, ele desvinculou a Estética como sendo apenas relacionada à Teoria do Belo, pois ela também se estende às inúmeras formas de afeto (CHAVES, 2019).

Segundo o mesmo autor, ao referir-se às ideias de Freud, pontuou que não é mais o intuito do artista e da arte imitar ou reproduzir a realidade, mas dar foco à percepção sobre ela. Isso porque, para perceber, é necessário sentir e o sentir só acontece se existir uma relação do psíquico com o somático (CHAVES, 2019). A Arte se encontra, segundo Kandinsky (1926/1970), “para lá de”, onde existe um vidro duro e rígido, mas transparente - o que não facilita um contato direto e íntimo com o outro lado. Ainda assim, porém, é completamente possível adentrar na obra de arte, sentir ativamente sua pulsação por meio de todos os sentidos. Exatamente por isso a arte nunca deixa de provocar algo nas pessoas, pois a sua potência em convocar o sujeito é um ponto central dela (RIVERA, 2007).

Não é de hoje que a transformação artística se apresenta como forma de entretenimento no mundo. De acordo com Sigemi et al. (2016), a arte performática *Drag Queen* originou-se nos Estados Unidos na época dos anos 50 e 60. Entretanto, as pessoas que performavam tal arte eram marginalizadas devido ao contexto em que a época se encontrava, já que essa expressão artística sempre foi vista com muito preconceito.

No entanto, Amanajás (2015) menciona que a transformação de homens, diante da performance caracterizada pela imagem feminina, apresenta indícios desde a época da Grécia clássica até o presente momento. É a partir desta perspectiva que, no âmbito teatral, os homens vestidos de mulheres eram, de certa forma, respeitados e apreciados. Porém, o contrário acontecia com as mulheres: aquelas que tentavam se envolver na cena teatral eram discriminadas e desprezadas (SIGEMI et al, 2016).

O assunto das mulheres interessadas em expressar-se artisticamente pela via da arte *Drag Queen* é recorrente. No vídeo intitulado “Mulher pode ser *Drag*?”, a *Drag Queen* Lorelay Fox fala que:

Drag, como manifestação artística, independe de gênero. Isso não deve ter a ver nem com seu gênero, nem com a sua sexualidade. Ser *Drag* é a manifestação de uma persona interior [...], é você exteriorizar sentimentos, pensamentos, reflexões e o movimento artístico que você tenha dentro de você. E isso não deve pertencer nem a/à gay, nem a homem, nem a/à hétero, nem à mulher, nem à/a trans, nem a ninguém. (FOX, 2017, 0:46 - 1:07 min).

Mas afinal, o que é ser *Drag Queen*? Ser *Drag*, de acordo com Chidiac e Oltramari, (2004) é a elaboração de uma personagem ligada a um trabalho artístico, no qual as suas expressões são direcionadas a partir de diversas esferas da arte, associadas então à dublagem, dança e teatro. Além das influências das artes plásticas, influência circense, design de moda, maquiagem artística, etc.

Em relação a este cenário no Brasil, Miranda (2017) relata que o grupo Dzi Croquettes, nos anos 70, chocou o país e o governo diante de suas apresentações performáticas e teatrais carregadas de vestimentas femininas e maquiagens. O grupo teve reconhecimento internacional mesmo enfrentando a censura da época. Pereira (2017) afirma que o surgimento das *Drags* no país teve seu início por volta dos anos 90 nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, onde as *Drag Queens* estavam presentes em festas e em eventos relacionados à causa LGBTQIA+, sendo essa a arte mais representativa desse meio.

É necessário aqui diferenciar alguns termos que, no senso comum, se relacionam com tal expressão, em que, na maioria das vezes, a identidade Travesti ou Trans vincula-se diretamente com a performance *Drag Queen*. Gloria Groove (2017), cantora e artista *Drag Queen*, se refere a isso na letra da música “Dona”: “Ai meu Jesus/ Que negócio é esse daí?/ É mulher?/ Que bicho que é?/ Prazer, eu sou arte, meu querido/ Então pode me aplaudir de pé.” (GROOVE, 2017, 1:36 - 1:42). Assim sendo, de acordo com Chidiac e Oltramari (2004), as diferenças entre ambas estão diretamente implicadas no cotidiano de cada uma, na qual as *Drags* se diferenciam das Travestis e Trans devido ao fato de que se utilizam da imagem feminina somente no momento em que a estão performando, enquanto que as mulheres Travestis e Trans se configuram a partir da imagem feminina, de modo permanente.

Além dessa associação das *Drags* com as Travestis e Trans diante de uma identidade de gênero, muito se compara também tal expressão em relação à orientação sexual, contudo, é necessário destacar que ambos não se associam. Isto é, Jesus (2012) aponta que a identidade de gênero se caracteriza pela forma com que o indivíduo se identifica como sendo homem ou mulher, ambos ou nenhum destes, já a orientação sexual é caracterizada diante da atração afetivossexual por um ou mais gêneros.

Dessa maneira, autores como Sigemi et al. (2016) descrevem as *Drags Queens* como sendo artistas que se utilizam de personagens próprios no âmbito artístico e profissional, diante da particularidade de cada um, carregando consigo um excesso de características femininas, conforme um contexto extravagante e cômico. Todavia, Costa (2018) menciona que a construção corporal de uma *Drag* não é marcada somente diante de uma representação fidedigna de um corpo configurado pelo feminino, mas que atravessa um corpo cultural que se modifica constantemente. Portanto, as *Drags* são artistas que configuram a sua performance a partir de qualquer corpo sem se ater a somente um tipo de gênero, ultrapassando então o que vem a ser feminino e masculino por meio de sua corporalidade (SIGEMI, et al., 2016).

Usar da expressão artística *Drag Queen* não se resume ao gênero ou à sexualidade, mas transpassa qualquer ideia pontual e simples sobre arte, psique e sociedade. A expressão psíquica, por meio de uma arte vista socialmente com tanto preconceito, e que é a principal representante de uma minoria, envolve carisma, originalidade, coragem e talento, como dito por RuPaul (2009). E, além disso, envolve desejo.

2 MÉTODOS

A metodologia usada neste trabalho foi de natureza básica, isto é, a intenção é propor conhecimentos acerca do assunto estudado, mas sem aplicação prática antecipada. A pesquisa é o processo feito em busca de uma resposta para um problema, sendo a ciência o resultado da pesquisa. Ou seja, a pesquisa é uma via de acesso para chegar ao conhecimento (KAUARK, 2010).

No que se refere à abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa. Isso quer dizer que o cunho dessa abordagem tem em mente a relação mundo-sujeito, de forma que o mundo objetivo e a subjetividade da pessoa são inerentes um ao outro e

intraduzíveis em número, portanto, essa modalidade lida com fenômenos, não com procedimentos e meios estatísticos (KAUARK, 2010).

Quanto aos objetivos, este estudo é de cunho explicativo, pois tem a intenção de detectar as questões que colaboram com o fenômeno do tema estudado, mergulhando assim em águas mais profundas para a compreensão das razões, dos porquês e da realidade (GIL, 2008). No que se refere aos procedimentos técnicos, a pesquisa é um estudo de campo. Segundo Gil (2002), essa modalidade procura aprofundar as questões propostas, além de estudar um único grupo, o que acaba proporcionando uma ênfase maior aos próprios componentes.

Por fim, a escolha da análise de dados foi a Análise de Discurso. Souza (2014) não desassocia a língua da história e dos acontecimentos sociais. Isto é, a subjetividade, a história e as ideologias dessas pessoas são levadas em conta como um dos fatores completamente presentes na linguagem, que compreende um tripé psicanalítico. Além do mais, o próprio inconsciente, segundo Lacan (1985), se envolve e se estrutura como linguagem.

2.1 PARTICIPANTES

O público selecionado para a pesquisa foi composto por dois sujeitos que se expressam pela arte *Drag Queen*, residentes no Oeste do Estado do Paraná, com idade superior a 18 anos e inferior a 35, de nacionalidade brasileira. Essa escolha por número reduzido de participantes se deu ao fato de que a análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Discurso.

Questões relacionadas à orientação sexual, identidade de gênero, etnia e sexo não foram consideradas como critério de inclusão ou exclusão para a pesquisa, dado que seria contraditório com aquilo que foi proposto durante a fundamentação teórica. No que diz respeito à seleção e entrevista dos participantes, a amostra se deu por acessibilidade e conveniência, uma vez que uma *Drag Queen* local sugeriu possíveis candidatos à pesquisa, já que está inserida na cena *Drag Queen* da cidade.

2.2 INSTRUMENTOS

No que se refere aos instrumentos de coleta das informações, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi obrigatório para a efetivação da

pesquisa, termo lido juntamente com as pessoas entrevistadas. Nele continha informações como a não obrigatoriedade de participação, possibilidade de desistência a qualquer momento, procedimentos, riscos, benefícios, etc.

Além do TCLE, um roteiro semiestruturado foi elaborado e utilizado pelas autoras desta pesquisa para nortear as entrevistas. Essas foram realizadas de forma online e sigilosa por meio da plataforma Google Meet, por conta do período pandêmico de COVID-19.

Segundo Gil (2002), este modelo de entrevista é guiado pelas relações de pontos de interesse que o entrevistador explora com o entrevistado ao longo da entrevista, além de ser possível, também, perguntar algo que não foi previsto na estruturação da entrevista. Diante do objetivo de analisar o discurso dos entrevistados, as entrevistas foram gravadas e transcritas com intuito de facilitar este processo e preservar as informações. A gravação será mantida por cinco anos com as autoras, assim como a pesquisa e os documentos.

As questões disparadoras desse roteiro foram: 1- Fale um pouco de si e da sua expressão artística; 2- Como você prefere ser chamado nessa entrevista?; 3- Como você conheceu a arte *Drag Queen*?; 4- O que é *Drag Queen* para você?; 5- Por que esse tipo de expressão?; 6- Para quais fins você utiliza dessa expressão?; 7- Já tentou outro tipo de expressão?; 8- Como foi a primeira vez que você se montou?; 9- Como você se viu? E como se vê hoje?; 10- Como você se refere a sua *Drag* (Eu tenho/Eu sou/Eu faço)? O que você acha disso?; 11- Quais as características dela?; 12- Qual o nome dela?; 13- Como foi a escolha do nome?; 14- Ela faz parte da sua identidade ou não? Como é isso?

Tais questões tiveram cunho aberto/livre, isto é, foram pensadas para que as pessoas entrevistadas pudessem associar livremente, respeitando o preceito da livre associação da psicanálise.

2.3 PROCEDIMENTOS

Após o aceite da Plataforma Brasil, os seguintes procedimentos foram tomados: agendamento do dia da entrevista com os participantes via rede social; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); aplicação da entrevista semiestruturada; análise de discurso dos sujeitos e apresentação da análise dos resultados em banca.

2.4 ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos foram submetidos à Análise de Discurso (AD), uma vez que a interpretação e a relação, de cada sujeito frente à expressão *Drag Queen*, se configuram por meio da subjetividade de cada um. Para Orlandi (2009), a AD é prole da Psicanálise, da Linguística e do Marxismo. Além do mais, o próprio inconsciente, segundo Lacan (1985), se envolve e se estrutura como linguagem.

A AD, embora também esteja interessada na gramática e na língua, trata efetivamente do discurso, palavra que traz a ideia de curso, percurso, movimento. É com o estudo do discurso que é possível observar o homem falando. A AD busca entender o discurso em termos de “como este texto significa?”, entendendo que o sujeito é descentrado da linguagem, afinal, é afetado pelo real da língua e pelo real da história (ORLANDI, 2020).

Além do mais, tanto a psicanálise lacaniana quanto a escola francesa de Análise de Discurso se interessam pela fala e pelo falante, pois esse é o ponto de partida para a investigação Psicanalítica e da Análise de Discurso quanto ao processo de constituição de sujeito (SOUZA, 2014).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Em relação aos dados sociodemográficos, ambas as entrevistadas residem na região Oeste, mais precisamente em Cascavel, têm 23 e 26 anos respectivamente e, como dito anteriormente, gênero, orientação sexual, etc., não foram considerados como meio inclusivo ou exclusivo, mas, sim, o uso da arte *Drag Queen*. Para tanto, foi usado o artigo no feminino pois é a referência para *Drag Queen*, além disso, ambas performam tal arte há aproximadamente dois anos.

Não foi estipulado tempo mínimo ou máximo para as entrevistas, sendo que a primeira foi realizada em 53min e 22s e a segunda em 46min e 30s. Como o nome foi preservado (tanto o nome Drag, quanto o nome social), foram utilizados nomes fictícios para se referir às participantes. A primeira entrevistada foi chamada de Stefani Germanotta⁷. Essa participante demonstrou alta disponibilidade de fala durante a entrevista, acompanhada de boa desenvoltura da linguagem, entretanto, o discurso em si

⁷ Referência ao nome social da artista Lady Gaga.

acabou se tornando repetitivo, o que dificultou o alinhamento com os objetivos específicos propostos.

A segunda entrevistada foi chamada de Adore Delano⁸. Essa participante também demonstrou alta disposição de fala durante a entrevista, acompanhada de boa desenvoltura da linguagem, na qual apresentou falas longas implicadas a partir de suas autopercepções. Diante disso, foi percebido que seu discurso foi compatível com os objetivos específicos desta pesquisa, portanto, tornou-se mais fácil de fazer a análise.

Cabe acentuar que esse estudo não teve caráter comparativo, ou seja, as entrevistas, seus dados e o discurso não são comparáveis. Outro ponto importante em relação ao caráter da pesquisa é que não existem conclusões e convicções, ou seja, a análise foi feita em cima de entrevistas curtas sobre a vida de uma pessoa, a qual, obviamente, é impossível contemplar por completo. Além do mais, o inconsciente por si só segue essa lógica, ou seja, também é impossível conhecer cada canto desse sistema, mesmo em uma análise vitalícia em ambiente clínico.

3.1 ANÁLISE DE STEFANI GERMANOTTA

No matter gay, straight or bi/Lesbian, transgendered life/I'm on the right track, baby/I was born to survive/ No matter black, white or beige/Chola or orient made/I'm on the right track, baby/I was born to be brave!⁹

Ao analisar o discurso de Stefani, foi possível observar alguns pontos reticentes, isto é, aparentou demonstrar alguma resistência quando convidada a falar sobre si e sua expressão artística. Diante disso, a partir da sua narrativa *“Ela (a Drag) chegou na minha vida numa fase que eu precisava, sabe, é... levar um pouco de mim mais para as pessoas, sabe. Me conhecer como pessoa e também me empoderar mais de mim, sabe”*, podemos associar que a sua forma de expressão *Drag Queen* pode ser o seu sintoma, isto é, no texto *“O interesse da psicanálise”* (2012), Freud menciona que o sintoma é a realização de um desejo reprimido, o qual se manifesta a partir de um conflito psíquico e que carrega uma mensagem de conteúdo inconsciente.

Entretanto, Lacan pontua no escrito *“Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”* (1998), que o sintoma é estruturado na linguagem e que é o significante de

⁸ Referência a *Drag Queen* participante da 6ª temporada de *Rupaul's Drag Race*.

⁹ Música intitulada *“Born This Way”* da cantora Lady Gaga. Tradução: Não importa se você é gay, hétero ou bi/ Lésbica, transexual/Estou no caminho certo, querido/Eu nasci para sobreviver/Não importa se você é negro, branco ou pardo/Hispanico ou oriental/Estou no caminho certo, querido/Eu nasci para ter coragem!

um significado que se encontra como recalcado, mediante a uma dimensão simbólica. Logo, tem-se a impressão de que a expressão artística de Stefani, conforme apresentada em seu discurso, pode vir a ser o seu sintoma, principalmente quando ela se refere a ideia de *“me conhecer como pessoa”*.

Mais adiante, Stefani, quando convidada a falar sobre como conheceu a arte *Drag Queen*, apresentou alguns pontos interessantes para falar sobre a sua trajetória, na qual comenta que não se sentia bem na cidade em que morava e que devido a isso decidiu se mudar para Cascavel. A partir disso, ela apresenta a seguinte narrativa: *“Eu sabia que eu tinha uma postura, um modo de convivência com as pessoas diferente, sabe. E eu decidi vir morar pra Cascavel sozinha, saí da casa dos meus pais com 22 anos e vim morar pra cá e daí, chegando aqui em Cascavel, eu conheci esse mundo de Drag por conta de amigos meus em comuns que já faziam parte desse rolê, que já... vivia esse... com intensidade esse momento.”*.

Nesse sentido, é possível pensar também no conceito de identificação discorrido por Freud no texto “Psicologia das massas e análise do Eu” (2011). O autor abordou três pontos significativos a respeito do tema, em que apresenta que a identificação pode ser compreendida como a manifestação de uma ligação afetiva a um objeto, podendo se tornar também um substituto para uma ligação objetal libidinosa por via regressiva, isto é, diante da introjeção do objeto no Eu, bem como pode vir a surgir a partir da percepção de algo em comum com uma outra pessoa em que não seja objeto das pulsões sexuais.

Portanto, ao considerar a fala: *“Foi por questão de amigos, sabe, pessoas em comum, você ver o que elas passam e você querer fazer parte de tudo isso, sabe, de você querer tá junto, de você querer dar a cara à tapa com elas.”*, foi possível entender que pode existir uma relação de identificação de Stefani com as pessoas que lhe ajudaram a adentrar o mundo *Drag*.

Seguindo adiante, foi percebido, durante todo o discurso, questões possivelmente relacionadas ao narcisismo: *“A Stefani, ela me abriu muitas portas, sabe, porque querendo ou não eu, eu consigo alcançar um público maior com a Stefani, sabe, de levar esse empoderamento, de levar essa coisa pro mundo, então tipo assim, ser Drag é isso, sabe, você querendo ou não, você se destaca de uma certa forma que você pode levar pras pessoas o conhecimento que elas não têm, sabe, o... o rolê da arte Drag, entende”*.

Isto é, Freud (2010) pontua que o narcisismo não é uma perversão, mas, sim, aquilo que complementa a libido do egoísmo da pulsão de autoconservação, a qual todos os seres humanos possuem. Além do mais, pode ser possível a ideia de que essa utilização de arte, para Stefani, seja intencionada a atingir, ou a chegar o mais perto possível, do seu ideal do Eu, como na fala abaixo quando convidada a falar sobre as características da sua *Drag*: *“As características que eu dou pra ela é por ela ser ela, sabe, ser autêntica, ser feliz, é levar energias boas e ao mesmo tempo levar pro mundo um pouquinho do conhecimento da Drag, sabe, de ser empoderada, de... ai ,mas ela é é tudo, né, gente, não tenho muito o que falar da minha Drag, acho ela incrível. Sou fã dela, então tipo, é ser ela mesmo, sabe.”*

Nesse sentido, Freud (2010) em “O mal-estar na civilização”, trata que em termos de civilização, não existe uma melhor forma de caracterizá-la se não levar em conta a estima e as atividades psíquicas, as realizações intelectuais, artísticas, científicas, especulações filosóficas e, também, as construções ideais dos homens, em que é construída a concepção de uma possível perfeição da humanidade, além das exigências colocadas a partir desses pontos, que é justamente o que se percebe em seu discurso. A esse ideal é que dirige o amor a si. Em outras palavras, o que é projetado diante de si mesmo, como ideal, é o suplente para o narcisismo perdido na infância, o qual Stefani era seu próprio ideal.

No que se refere à concepção descrita acima sobre perfeição, ela pode, sim, ser associada ao que foi dito anteriormente sobre o ideal do Eu, mas, além disso, Freud (2010) propõe aquilo que compõe a civilização, o modo de regulação das relações pessoais. Estas referentes ao sujeito enquanto vizinho, colaborador, objeto sexual do outro, membro da família, membro do Estado.... É aqui que a cultura entra como meio de regulamentação dessas características civilizatórias, todavia, se não houver isso (as características), as mesmas relações podem ser sujeitas à arbitrariedade do indivíduo: a vida humana social se faz possível quando existe uma maioria, mais forte que qualquer outra, conservada. É possível pensar no Estado, por exemplo, como a instituição que garante direito, justiça, etc.

Por outro lado, levando em conta o preconceito e a discriminação com a arte *Drag*, justamente por ser a maior representante da comunidade LGBTQIA+, abrem-se outros pontos importantes a partir do discurso: o racismo e a homofobia. É possível associar que essa maioria, a qual detém o “poder” do ideal, que aqui pode estar ligado a princípios judaicos-cristãos, privilegiam a heterossexualidade e a colocam como

“normal”, sendo este o único meio possível de vivenciar a sexualidade (SILVA et al., 2020).

De tal modo, é possível observar durante a fala da entrevistada algumas questões relacionadas a homofobia, na qual relata: “[...] *eu sempre fui muito afeminada, sabe, então tipo assim, ser gay e ser afeminado são duas coisas que já eram um pouco impactante pra sociedade e daí além de ser gay, afeminado, eu sou Drag Queen, então tipo assim, é o combo completo ali pras pessoas sabe. [...]*”.

Considerando este recorte, é possível fazer associações com o que Freud (2018) discorreu em seu texto “Moisés e o monoteísmo: três ensaios”, acerca do tema sobre o ideal de perfeição, no qual o autor pontua que os seres humanos, crentes, tentam se aproximar o máximo possível do ideal estabelecido pelo divino, isto é, a tolerância existe entre homens tidos como idênticos, sendo então passíveis de intolerância com aqueles que não são. Portanto, analisando o discurso de Stefani, em diversos momentos a entrevistada menciona a inquietação que a sociedade tem diante do diferente, principalmente quando se trata de uma pessoa que se expressa pela arte Drag Queen.

Ainda, a partir deste ponto, Stefani apresenta, durante sua narrativa, alguns desabafos em relação ao quanto pode ser difícil se expressar por essa arte diante do preconceito e discriminação, sendo que relatou o seguinte: “[...] *Pras pessoas que ser Drag, ser negro e participar desse mundo não é fácil, que se você não levantar a bandeira e fazer as coisas acontecerem da melhor forma possível, não é querendo, tipo, desaforar ou bater de frente com alguém, sabe, é mostrar que você tá ali pra... levantar a sua bandeira mais uma vez e mostrar que você tem que ocupar seu espaço, sim. É sofrido? É sofrido. Você, às vezes, ouve coisa que você não quer, que você não precisa ouvir. [...]*”.

No decorrer da entrevista é possível observar novamente questões referentes ao racismo, sendo que Stefani ainda pontua: “[...] *E eu como pessoa negra, uma pessoa que leva... eu falo negro nesse sentido não é por questão de ser empoderada, sabe, é por questão que tipo assim, fugindo um pouco do assunto que a gente tá falando, é por questão que eu já sofro um tipo de preconceito por ser negro, entendeu? então tipo assim, você ser negro e ser Drag Queen é... mais forte ainda sabe. [...]*”. O racismo é, de acordo com Lima et al. (2019), aquilo que é direcionado a determinados grupos étnicos de características físicas e/ou mentais, sendo elas reais ou imaginárias, transmitidas de geração para geração. Ou seja, é uma construção social, com interesses

políticos, fundada na discriminação com base na cor, etnia, origem, ascendência e/ou religião.

Além do mais, o próprio autor, acima referido, pontua que existe uma constante na ideia de raça, em que a ela é atrelada uma noção de que a humanidade é subdividida em grupos diferentes, com uma relação de superioridade-inferioridade entre eles. Inclusive, apesar de cientificamente haver comprovação de que no plano biológico não existe classificação (no sentido de subdivisão) da espécie humana em raças, as práticas racistas ainda permanecem.

Seguindo esse raciocínio, durante o discurso a palavra “empoderamento” se repete diversas vezes, como nas narrativas a seguir: “[...] *você ser a pessoa que você é sem medo de... do que os outros vão achar, do que vão pensar, ser você, sabe, tipo, se empoderar mesmo [...]*” e “[...] *eu sei quando eu tiver com ela eu vou ter que ser mais forte, vou ter que ser mais empoderada, vou ter que ser mais resistente a tudo [...]*”.

É preciso trazer aqui que nos últimos anos o uso da palavra vem fazendo presença, principalmente, pelos movimentos de emancipação referentes à cidadania: movimento dos negros, das mulheres, dos homossexuais, pelos direitos das pessoas com deficiência, etc. (BAQUERO, 2012).

Contudo, não cabe nessa análise criticar ou trazer discussões da literatura sobre o termo, uma vez que o mesmo é muito debatido por seus significados, entretanto, é possível discorrer sobre a ideia, de acordo com o discurso, de um tipo de empoderamento, o individual. Este se refere à noção das pessoas sentirem-se mais autônomas nos processos determinantes de suas vidas. É considerado como uma habilidade de ganhar reconhecimento e controle para agir na direção de uma melhora quanto à própria situação de vida (BAQUERO, 2012).

Considerando essa perspectiva, a narrativa “[...] *ser Drag pra mim, tipo, além de eu ser negro e levar essa minha arte é uma questão de me empoderar mesmo, de mostrar para as pessoas que eu não vou abaixar a minha cabeça, que eu não vou deixar de ser quem eu sou [...]*”, se faz condizente a essa ideia de empoderamento.

3.2 ANÁLISE DE ADORE DELANO

As monas olham pra mim, os mano tenta entender. As mina pergunta assim: “quem maquiou, foi você?” Só agradeço o apreço, peço licença pra ver as manas juntas na pista, dançando pra entreter!¹⁰

Logo no primeiro ponto abordado na entrevista, Adore associou muito de si à sua família: “[...] *Eu comecei a fazer porque a minha família é muito artística, muito artística. Desde pequena crescemos assim nesse ramo, seja dança, seja canto, sabe, enfim, só que eu nunca tinha focado em nada específico assim na minha vida, né [...]*”. Ao falar de família é impossível não relacionar o discurso ao Complexo de Édipo, fenômeno central da Psicanálise, que diz respeito à primeira infância. O Édipo é a experiência que toda a criança tem e que, por conta de um desejo sexual, precisa limitar seu impulso, sua consciência, seus medos, aos limites de uma Lei que ordena a suspensão dos pais como objetos sexuais (NASIO, 2007).

Esses objetos acabam sendo abandonados e substituídos pela identificação a partir da dissolução do Édipo. Diante disso, ao considerar o próximo recorte, “[...] *Mas, assim, sabe, eu, tipo, eu vejo, assim, bastante da minha Drag, eu vejo na minha mãe. Tanto é que quando eu me monto eu fico super parecido com a minha mãe, sabe. Então... (risos). E minha mãe é a pessoa mais forte que eu já conheci na vida, né. Então, nossa, é a maior felicidade, sabe, quando eu tô fazendo uma maquiagem, alguma coisa, e eu consigo ver a minha mãe ali, sabe. Eu fico pensando ‘Nossa... Sabe, tá no sangue mesmo, né, tá no sangue’. Porque, sabe, minha mãe é muito foda. Muito foda, assim. Guerreiríssima, guerreiríssima, guerreiríssima [...]*”, é possível associar essa fala com as considerações de Freud (2011) em “A dissolução do Complexo de Édipo”, ao pontuar que os anseios libidinais serão dessexualizados e sublimados (em parte) diante de toda transformação em identificação, além de parte serem inibidos quanto às metas e transformados em ternura.

Quanto à sublimação, conceito já discutido aqui, pode-se observar alguns traços em seu discurso, como: “[...] *então, eu comecei a fazer para não só me divertir, mas também pra tentar tirar um pouco da minha timidez, né, porque eu, até começar a fazer Drag, eu era uma pessoa extremamente tímida, extremamente tímida, e fazer a... essa arte foi a forma que encontrei de, sabe, trazer à tona as coisas que eu pensava. Eu*

¹⁰ Trecho da música intitulada “Gloriosa” da *Drag Queen* Gloria Groove. Tal trecho foi definido como pertinente de ser citado em razão de que a própria entrevistada relatou que foi com essa música que ela fez sua primeira performance enquanto *Drag*.

sempre gostei muito de escrever, né, não é à toa que eu faço Letras. Sempre gostei muito de escrever, então eu gostava de trazer todo esse sentimento que eu passava pra escrita de uma forma assim mais visual pras pessoas, né, porque às vezes as pessoas tipo, eu gostava de mostrar o que tava sentindo através da minha escrita, mas as pessoas não se interessavam por ler, então eu pensei 'Eu gosto assim, sabe, de mostrar assim o que eu penso, o que eu acho, então qual outra forma que eu conseguiria fazer isso?' Então através de Drag, assim eu consigo transmitir o sentimento, sabe. [...]

A partir disso, é possível observar que a sublimação é um processo utilizado como desvio das pulsões sexuais, direcionadas para diferentes fins. Como no caso de Adore, a sublimação tem fins artísticos. Todavia, não é por qualquer arte que existe expressão, algo possível de compreensão no seguinte discurso: *“Olha, eu sempre gostei bastante de escrever. Quando eu tava no fundamental eu tentei começar a fazer aulas de artes, né. Fiz algumas aulas de artes assim, mas, tipo, não... Assim, artes eu digo de fazer quadros, pinturas, essas coisas assim. É... Eu fiz assim, mas não era algo assim que eu pensava assim: 'Uau! Nossa! Amo muito, muito, muito fazer isso!'. Arrã. E daí, depois teve dança, sabe? E tipo, nossa, muito muito... É muito diferente, sabe? É muito diferente.”*

Outro aspecto que se destaca é em relação à fantasia, presente em seu discurso como nos recortes a seguir: *“[...] eu consigo conscientizar, eu consigo fazer as pessoas sentirem coisas, sabe, refletirem sobre coisas e essa é uma coisa assim maravilhosa, sabe. É maravilhosa [...]”*; *“[...] E, tipo, me aproximei de várias pessoas, assim, que, tipo, não davam a mínima pra mim antes aqui na cidade, sabe. E, sabe, você consegue, assim, levar... fazer as pessoas sentirem felizes com alguma coisa que você tá fazendo. Você consegue encontrar pessoas que começam a torcer por você. E, olha, é, assim, um empurrão que vai dando na vida, sabe. Um empurrão mesmo”*.

A partir desse trecho, é possível associar a fala do sujeito com o conceito de fantasia, a qual é uma cena geralmente consciente, criada para satisfazer o desejo de maneira imaginária. Ela proporciona conforto e vem com a função de substituir um gozo não-humano, o que diminui a tensão do desejo. Pode suscitar prazer, angústia e/ou outros sentimentos, sejam eles desagradáveis ou não (NASIO, 2007). Diante disso, o que pode ser observado nas falas é que ela, de fato, pode provocar algo nas pessoas, mas isso diz mais sobre elas próprias. Os pontos em que Adore fala sobre conscientizar as pessoas, fazê-las sentirem-se felizes, é próprio de sua fantasia. É individual e até narcísico.

Outro ponto que chama a atenção se trata de como Adore explana o seu processo criativo enquanto Drag, como exemplo, a narrativa a seguir: “[...] *Eu sempre fui uma pessoa muito criativa, né. Então eu sempre tentei levar isso bastante pra minha Drag. Então, assim, eu acredito que minha Drag seja acima de tudo uma... tipo, uma... criatividade, sabe? É o que mais, assim, rege, assim, a minha Drag, sabe? A criatividade. Então a minha Drag é uma Drag muito criativa*”. De tal modo, conforme Winnicott (1975) aponta, o desenvolvimento criativo se faz presente na vida de cada indivíduo, entretanto, tal processo é fortemente influenciado de acordo com as experiências nas fases primitivas de cada bebê, isto é, o processo criativo está relacionado de acordo com a abordagem do indivíduo diante da sua realidade externa, o que o faz se sentir ativo e reconhecer que a vida é digna de ser vivida.

Mais adiante, Adore, quando convidada a falar sobre a forma como ela se refere à sua *Drag*, apresentou ainda alguns pontos relacionados à sua criatividade, entretanto, mencionou também as referências que tenta trazer a partir da sua arte: “[...] *que eu tento sempre buscar bastante referências, né, principalmente nas minhas origens, né? Então, eu procuro bastante me adaptar, sabe. Procuro bastante me adaptar com... Mas sempre buscando, nunca deixei de lado as minhas origens, então, eu gosto de buscar as referências nas minhas origens e me adaptar em qualquer ambiente que eu esteja, né. Então eu preciso de bastante criatividade pra isso [...]*”.

Diante disso, é interessante associar este trecho de seu discurso com o que Freud abordou no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (2016), no qual o autor discorreu sobre as crianças em seus primeiros anos de vida e as diversas teorias que desenvolvem acerca do nascimento, o famigerado “de onde vêm os bebês?”. Assim sendo, o autor menciona que tal pesquisa é realizada de um modo solitário, porém autônomo, e que direciona a criança a um primeiro passo para a orientação independente no mundo, isto é, ela passa a estabelecer um certo distanciamento em relação às pessoas que estão presentes em seu meio.

Nesse sentido, Adore menciona também a relação de suas origens com a cultura de sua família, como no recorte a seguir: “[...] *a minha família, a minha família vem de Moçambique, né, então, sempre a minha família, sempre puxou bastante desses aspectos da cultura moçambiquene, moçambicana e, e, eu tentei focar um pouco nisso, né, buscar bastante disso [...]*”. De tal modo, ao considerar esta fala, é possível observar que assim como as crianças, Adore também está em uma constante busca pelas suas origens, no qual a sua arte pode vir a ser um meio que possibilite tal investigação.

Seguindo com o discurso: “[...] *E daí agora no período de quarentena que a gente tá ficando em casa, eu tenho mais tempo livre, consigo explorar mais essa parte de fazer maquiagens e coisas desse tipo e produzir, nossa, inúmeras, inúmeras, inúmeras, inúmeras, sabe, montações, coisas diferentes assim. Colando coisa no rosto, fazendo isso, fazendo aquilo. Me transformando nisso, naquilo*”. Freud (2017), no texto “O poeta e o fantasiar”, traz uma reflexão sobre procurar nas crianças os primeiros indícios de atividade poética. E não seria o brincar um indício dela? Freud propõe que toda criança, quando está brincando, se comporta como um poeta, isso porque ela transpõe as coisas do seu mundo interno para uma nova configuração, uma que a agrada. Tanto que o autor sugere que a seriedade não é o oposto da brincadeira, mas sim a realidade.

Contudo, o que diferencia a brincadeira da fantasia é um empréstimo que a criança faz que não ocorre com o poeta. Ela diferencia tranquilamente o mundo da brincadeira do mundo real, mesmo com todo o investimento afetivo, e empresta seus objetos imaginários e relacionamentos, com prazer, ao mundo real. Quanto ao poeta, ele também cria um mundo de fantasia, o qual leva a sério, com investimento afetivo, etc. Porém, é a partir da irrealidade do mundo poético que muitas coisas do mundo real, que não poderiam causar o gozo, o causam no jogo da fantasia.

Por exemplo, uma criança quando está crescendo, deixa de brincar. O que acontece é uma troca de uma coisa por outra: em vez de brincar, agora fantasia. Isso ocorre porque é como se a criança renunciasse a brincadeira. Só que a renúncia se torna impossível devido ao prazer que um dia foi conhecido, por isso a troca. Apenas os insatisfeitos fantasiam; ou seja, os desejos são as forças que impulsionam as fantasias, o que, por sua vez, significa dizer que toda fantasia é uma realização de um desejo.

Um fenômeno muito frequente e alheio a enfermidades, segundo Freud (2014), é o ato falho. Podemos sugerir que um lapso verbal foi possivelmente realizado na seguinte fala, quando foi perguntado se a *Drag* faz parte de sua identidade: “*Faz parte da minha identidade, inclusive, eu até tatuei ela aqui, ó. (risos). Eu tatuei, sim. A Adore Delano faz parte da minha tatuagem*”. Aqui, pode ter havido uma troca de palavras, na última frase, de *identidade* por *tatuagem*. Isso é um ato falho, enquanto lapso verbal, caracterizado por pretender dizer uma coisa e dizer outra. O autor trata que o ato falho tem que ser observado enquanto dotado de sentido, esse podendo ser compreendido por “intenção”, “tendência”. Dessa maneira, é necessário comentar sobre tatuagens, as marcas no corpo à luz da Psicanálise.

A tatuagem surgiu, inicialmente, a partir de povos aborígenes, prática adotada também pelos viajantes e marinheiros no século XVIII. Já no século XIX, as tatuagens foram adotadas por indivíduos de setores à margem, como presidiários, prostitutas e soldados. A partir disso, as marcas corporais ficaram conhecidas como marca da marginalidade. Próximo ao meio do século XX, tribos urbanas se apropriaram das tatuagens com intuito de demonstrar sua vontade de romper com regras sociais, como um ato político. Apenas em 1980 que o estigma em cima das tatuagens começou a mudar. Ela se tornou um fenômeno estético por conta do uso de equipamentos especializados, materiais descartáveis, profissionalização dos praticantes, desenvolvimento das técnicas, etc. (PÉREZ, 2006)

É nesse sentido, portanto, que falar sobre o corpo agora é inevitável. Breton (2007) diz em a “Sociologia do Corpo” que a existência é corporal. O autor propõe que as ações da vida cotidiana, independente se superficiais ou não, envolvem a corporeidade. O corpo, segundo Breton (2007), é moldado pelo contexto social e cultural que a pessoa se insere, é ele o meio de evidenciar a relação com o mundo, ou seja, as atividades perceptivas, as formas de expressar os sentimentos, os ritos de interação, gestos, mímicas, produção da aparência, relação com a dor, com o sofrimento, etc.

É de acordo com isso que Macedo et al. (2014) indica que a tentativa do sujeito de se singularizar implica no ato da inscrição simbólica no próprio corpo, para assim ser mostrado ao outro. Seria, portanto, possivelmente, uma busca pela singularidade em uma época em que existe uma intenção de destruição das diferenças, representando assim uma estratégia de experimentar a existência por meio do olhar do outro, ou seja, do reconhecimento do outro (MACEDO et al., 2014).

Mais adiante, ao ser perguntada sobre o que é ser *Drag Queen* para ela, Adore comenta o seguinte: “[...] é questão de poder mesmo, de você ver uma figura assim tão poderosa e você querer fazer uma coisa tão poderosa quanto, sabe [...]” e “Eu sempre pensei assim, que quando eu tô, sabe, Drag, eu tenho meu castelo, assim, e eu sou a grande vilã que fica lá em cima, assim, do castelo, observando tudo, assim, observando as pessoas e me sentindo a pessoa mais poderosa do mundo. Então eu tento canalizar bastante disso, assim, sabe”. Esses pontos não podem ser desassociados ao poder fálico. Lacan (1998), propõe que o falo é um significante, é aquele que levanta o véu que enreda os conteúdos psíquicos. O falo, desta maneira, não é o órgão, o pênis ou clitóris, apesar de simbolizá-los. A falta está associada ao falo, que é justamente o

objeto da falta (RABELAIS, 2012). Dessa maneira, ele é o significante dela, o significante do desejo representado por um poder, poder esse em que Adore tenta alcançar por meio de sua arte. Seria, então, a *Drag* o seu falo?

Em relação às características que Adore atribui, a mesma apresentou o seguinte discurso: “[...] *então, assim, eu sempre gostei bastante de vilãs, né. Principalmente vilãs da Disney. Eu amo, amo, amo. A Úrsula é a minha favorita, sabe. (risos). Então eu gostei bastante de magia, coisas desse tipo. Então, eu sempre tentei fazer uma... também... um lado mais místico, sabe. Uma coisa, tipo, bem, sabe... chefona assim mesmo [...]*”. É interessante essa referência que Adore tenta trazer sobre o místico e as vilãs em sua arte, talvez tal associação possa estar relacionada a uma identificação com as vilãs, visto que tal expressão artística é encarada ainda com muito preconceito, ou seja, seguindo essa perspectiva, a sociedade as vê como “vilãs”.

Mais adiante, ao falar sobre o que a sua arte pode vir a provocar nas pessoas, Adore relatou: “[...] *causar uma surpresa nas pessoas, às vezes, um desconforto que as pessoas precisam sentir, né, em relação à arte Drag que a gente faz assim pra conseguir, sabe, explorar cada vez mais a minha criatividade [...]*”. A partir dessa narrativa, é possível associar esse desconforto que Adore tenta provocar nas pessoas com o que Freud apontou em seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (2016), o qual diz respeito ao sadismo, em que este é caracterizado como sendo uma atitude violenta frente a um objeto, e que existe a obtenção de prazer a partir de um mau tratamento desse objeto.

Entretanto, ainda no mesmo texto, o autor menciona também que o sadismo é considerado um fenômeno anterior ao masoquismo¹¹, conforme pontua no texto “Os instintos e seus destinos” (2010), em que aponta essa relação do sadismo-masoquismo diante do destino da pulsão, como sendo a volta contra a própria pessoa. A partir disso, Freud menciona que ao se referir ao sadismo a um objeto, quando este é abandonado, ele passa a ser substituído pela própria pessoa, ou seja, o sadismo se converte ao masoquismo e, diante disso, é possível obter prazer a partir de sua própria dor. No entanto, Adore menciona somente o desejo de provocar um desconforto nas pessoas com a sua arte, sem adentrar a possíveis desconfortos que causa a si mesma diante de sua expressão.

¹¹ Freud reformulou sua teoria sobre o sadismo anos depois da publicação dos três ensaios sobre a teoria da sexualidade, no qual ponderou que o masoquismo antecede o sadismo.

Talvez esses apontamentos tragam para o leitor algum desconforto, ou sensação “ruim” ao pensar sobre o que foi proposto, todavia, é de extrema importância pontuar que não se trata de algo perverso. Pelo contrário: é constitucional, pois essas características fazem parte de todo sujeito.

Para finalizar a análise, Adore pontuou sobre outras questões que podem se relacionar ao gênero, uma vez que é impossível não falar de gênero ao se tratar da arte *Drag Queen*: “[...] mas eu acredito que Drag, assim, pra mim mesmo, é se expressar através da arte, obviamente que a gente vai tá fazendo uma ilusão do feminino de alguma forma, mas justamente que o... a ilusão do feminino, assim, ao meu ver, é questão de resistência, sabe, é questão de empoderamento, porque a gente sabe, né, que o feminino, assim, sempre teve, sabe, sempre levou chibatada, sempre sofreu com a vida, mas sabe, com o tempo, assim, o feminino, assim, as mulheres foram crescendo e crescendo, assim, e se entendendo no mundo e se empoderando e eu acredito que é justamente por esse ponto que as pessoas, assim, levam tanto ao pé da letra a questão da nuance, assim, de... da ilusão do feminino, né, por questão de poder, tanto é que a gente sabe, né, que, que a gente faz piadas às vezes de que homens gays, assim, gostam mais de mulher do que homens héteros, né”.

Em termos inconscientes, podemos relacionar à identificação com “o feminino”, algo tratado já em parágrafos anteriores. Já em termos sociais, segundo Judith Butler, gênero não pode ser encarado como uma identidade estável, ele é uma identidade constituída de atos repetitivos. Isso quer dizer que o gênero é entendido como uma maneira de constituir a ilusão de um “eu”, por meio dos gestos corporais, movimentos, encenações cotidianas, etc. (BUTLER, 1988)¹². Seguindo essa perspectiva, o gênero pode ser interpretado como uma construção social: apreendido, repetido e ilusório.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado a partir desta pesquisa, foi possível explorar um pouco mais a arte *Drag Queen* e as significações dela para sujeitos que a performa. Nesse sentido, Sigemi et al. (2016) descrevem as *Drags Queens* como artistas que se utilizam de personagens próprios no âmbito artístico e profissional, diante da particularidade de cada um. A *Drag*, portanto, é caracterizada pela “personificação feminina”, feita,

¹² Foi utilizado o texto original da autora traduzido pela editora Chão da Feira no caderno de leituras n.78.

prioritariamente, por homens, porém, artisticamente, independe de gênero, orientação sexual e qualquer outra característica limitante.

A pesquisa em relação a este tema se fez extremamente necessária como contribuição à ciência. Isso se deu pelo motivo de que existem poucos estudos e pesquisas sobre essa temática na área da Psicologia e Psicanálise. A partir dessa, se tornou relevante o aprofundamento a respeito desta expressão artística, a fim de propor uma maior compreensão dos possíveis significados desta arte e propiciar um olhar mais humanizado.

Em momento algum houve intenção de esgotar o tema e as possibilidades de compreensão do discurso. Esse trabalho foi produzido a partir da obtenção de dados, em forma de discurso, de duas *Drag Queens*, de 26 e 23 anos, ambas residentes no oeste do Paraná. Não foi levado em consideração gênero, orientação sexual, etc. Os dados obtidos foram submetidos à Análise de Discurso, considerando prioritariamente a visão psicanalítica, uma vez que ambas concordam que é a partir da fala (discurso) que se pode vir a saber a respeito de alguém.

Nesse viés, por meio dos objetivos específicos do trabalho, a busca se deu em compreender como se manifesta a sexualidade dos sujeitos da pesquisa, o processo de sublimação nesta manifestação de arte, a relação que o sujeito tem com o próprio corpo e compreender a articulação dessa arte com a fantasia do sujeito. Sendo assim, a sexualidade, na psicanálise, é um fator extremamente importante e, mesmo que esses objetivos estejam em tópicos diferentes, como temas, não é possível desassociá-los da sexualidade. Fala-se dela o tempo todo.

Quanto à sublimação, de acordo com a análise, ela pode estar ou não incluída dentro da performance *Drag*, ou seja, tal expressão pode ou não estar sendo sublimada em termos artísticos. Mas, de toda forma, tem a ver com a própria sexualidade do indivíduo, em termos de pulsão sexual e pulsão não sexual (sublimação, como um dos destinos da pulsão). Em relação à questão corpo, foi possível observar que existe a tentativa, segundo Macedo et al. (2014), do indivíduo se singularizar a partir da inscrição simbólica no próprio corpo. Sendo essa uma busca pela singularidade, também pelo olhar e reconhecimento do outro.

Nesse sentido, é possível pensar também no conceito de identificação, visto que uma demonstrou identificação com a mãe, enquanto a outra apresentou identificação com o grupo em que estava inserida. Isso porque, como dito anteriormente, a identificação pode ser entendida, nos discursos apresentados aqui, como uma

manifestação de ligação afetiva a um objeto, ou a partir da percepção de algo em comum com uma outra pessoa, que não seja objeto das pulsões sexuais. Quanto ao objetivo referente à fantasia, foi possível associá-la no discurso como uma cena consciente, criada para satisfazer o desejo, de maneira imaginária.

Além do mais, como pode ser percebido, todo o texto teve, antes de seu conceito propriamente explorado, uma fundamentação, uma base para aquilo ser escrito. A própria Psicanálise tem tal caráter; além disso, se faz realmente necessário explorar e propor uma base sólida para fundamentar a construção.

O trabalho propicia a busca de novas pesquisas contemplando a arte *Drag Queen*, não só pelo ponto de vista da Psicanálise e da Psicologia, mas que tratem de forma responsável, respeitosa e humanizada, o universo *Drag* e as pessoas que a tal pertencem.

Segundo Orlandi (2009), a linguagem só é linguagem porque faz sentido e só faz sentido porque se inscreve na história. A linguagem não dá conta de dizer tudo, o que é também da ordem da castração (PENA et al., 2020), mas ela merece ser ouvida. E, se o intuito do trabalho teve grande influência artística, que seja finalizado por ela:

Obras artísticas não podem ser interpretadas. Se fosse possível para o artista explicar em palavras o que ele quis dizer, ele o teria dito em palavras (TOLSTÓI *apud* GUTFREIND, 2019, prefácio).¹³

REFERÊNCIAS

AMANAJÁS, I. Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. **Belas Artes**. São Paulo, n. 16, p.1-23, 2015. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/?pagina=player&slug=drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas>> Acesso em: 12 mai. 2020.

BAQUERO, R, V, A.; Empoderamento: instrumento de emancipação social? - Uma discussão conceitual. **A situação das Américas: democracia, capital social e empoderamento**. Revista Debates, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/26722/17099>. Acesso em: 20 out. 2020.

BUTLER, J. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**; 1998. Caderno de leituras, n.78, 2018. Disponível em: <<https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/>>

¹³ Não foi possível encontrar a citação original, por isso o uso do *apud*.

BRETON, D. L.; **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

CHAVES, E. Perder-se em algo que parece plano. **O Infamiliar**. FREUD, S. (1919). 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CHIDIAC, M, T, V; OLTRAMARI, L, C. Ser e estar *drag queen*: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estud. psicol.** Natal, v. 9, n. 3, p. 471-478, dez. 2004. Disponível em:
<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000300009&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 13 mai. 2020.

COSTA, T, H, G. **Cultura do transformismo: corporalidades, performatividades e transgressões**. 2018. Monografia (Graduação em Direito) - Centro Universitário Curitiba, Curitiba. Disponível em:
<<https://www.unicuritiba.edu.br/images/tcc/2018/dir/TACIO-HUGO-GOUVEIA-COSTA.pdf>> Acesso em: 13 mai. 2020.

CRUXÊN, O. **A sublimação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. Disponível em:
<<https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2019/05/CRUX%C3%8AN-Orlando.-A-Sublima%C3%A7%C3%A3o-Passo-a-Passo.pdf>> Acesso em: 23 mai. 2020.

FOX, L. 1 vídeo (4 min 13 seg). Mulher pode ser Drag? **Publicado pelo canal Lorelay Fox**, 2017. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=V48svw9uNf8>> Acesso em: 16 mai. 2020.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. **Arte, Dor: Inquietudes entre Estética e Psicanálise**. 2. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

FREUD, S. **As Pulsões e seus destinos** (1915). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. O poeta e o fantasiar (1908). **Arte, literatura e os artistas**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Ernani Chaves. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. Primeira parte: os atos falhos (1916). **Conferências introdutórias à psicanálise** (1916-1917). Tradução de Sergio Tellaroli. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados** (1940). Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos** (1937-1939). Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos** (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **O Infamiliar** (1919). Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos** (1909-1910). Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** (1920-1923). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1912-1914). Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos.** (1901-1905). Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GROOVE, G. **Dona**. Compositora: Gloria Groove. Produzida por: Evandro Cezar. Editora: SB Music, 2017. Digital.

GUTFREIND, C. **A Arte de Tratar: Por uma Psicanálise Estética**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012. Disponível em:
<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989> Acesso em: 13 mai. 2020.

KANDINSKY, W. **Ponto, linha, plano**: contribuições para a análise dos elementos picturais (1926). Tradução de José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 1970.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da Pesquisa: Um Guia Prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LACAN, J. **O Seminário**: livro 3 - As psicoses. Tradução de Aluísio Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. **Escritos**: Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **Escritos**: A significação do falo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEMINSKI, P. **Distraídos Venceremos**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

LIMA, E. F.; SANTOS, F. F.; NAKASHIMA, H. A. Y.; TEDESCHI, L. A. **Ensaio sobre racismo**: pensamento de fronteira. São José do Rio Preto, SP: Balão Editorial, 2019

MACEDO, S; PARAVIDINI, J; PROCHNO, C. Corpo e marca: tatuagem como forma de subjetivação. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 152-161, abr. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000100014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 out. 2020.

MIRANDA, V, C. Nan Goldin: da fotografia do cotidiano à visibilidade drag queen. **Cadernos GenDiv**. Salvador, v.3, n. 3, p. 72-83, set. 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/23657>> Acesso em: 13 mai. 2020.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

PENA, B. F.; MOREIRA, J. O.; GUERRA, A. M. C. O supereu em Freud e Lacan: da moralidade à amoralidade, uma gula estrutural. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 37-56, Mar. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142020000100037&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 Out. 2020. Epub Apr 22, 2020.

PEREIRA, L. M. D. Telas de glitter: o poder das drag queens na cultura da mídia. In: **Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste** do Intercom, 2017, Fortaleza. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), 2017, v.1. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/lista_area_IJ08.htm> Acesso em: 13 mai. 2020.

PEREZ, A. Lt. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 179-206, Apr. 2006. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Oct. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132006000100007>.

RABELAIS, G. W.; **A devastação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino**. 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=29070@1#>. Acesso em: 28 out. 2020.

RIVERA, T. O Sujeito na Psicanálise e na Arte Contemporânea. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 13-24, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 mai. 2020.

RUPAUL. **RuPaul's Drag Race** [Reality Show]. Direção: Nick Murray. Produção: Fenton Bailey, Randy Barbato, Tom Campbell, RuPaul, Steven Corfe, Pamela Post, Mandy Salangsang, Chris McKim. Estados Unidos: World of Wonder, 2009.

SIGEMI, A; PICCIOLA, A. C; BUENO, B. S; PINTO, B. D; RENNÓ, D. W, F. **O trabalho das drag queens e a sociedade**. São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/25054241/O_TRABALHO_DAS_DRAG_QUEENS_E_A_SOCIEDADE> Acesso em: 13 mai. 2020.

SILVA, D. S. N.; MIRANDA, M. H. G.; SANTOS, M. C. G; Homofobia e interseccionalidade: sentidos condensados a partir de uma pesquisa bibliográfica. **Interritórios | Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL | V.6 N.10**, 2020.

SOUZA, P. **Análise de Discurso**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

TOREZAN, Z. F; BRITO, F. A. Sublimação: da construção ao resgate do conceito. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 245-258, Dez, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982012000200003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 12 mai. 2020.

WINNICOTT, D, W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.